AVALIAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: A CONTESTAÇÃO REVELADA EM MEMORIAIS DE ALUNOS

Ilda Estela Amaral de Oliveira – UFPA - iestela@Ufpa.Br

UMA PALAVRA INICIAL

Passamos por tempos de ressignificações, de profundas mudanças, de constatações de toda ordem, época marcada pela transitoriedade, pela incerteza, pela busca de novos sentidos e novas práticas. Neste contexto, configuram-se metamorfoses também nos espaços formadores dos indivíduos, ou seja, a escola como *lócus* de desenvolvimento dos sujeitos. E é na escola que a avaliação tem se constituído nos últimos tempos, como uma prática social e política, impregnada de valores estabelecidos de acordo com o momento vivido pela sociedade. Caracteriza-se como um dos processos fundamentais que direcionam as práticas pedagógicas vivenciadas, onde a gestão, a didática e o currículo são reflexos de uma estrutura complexa mediada pelas relações de poder.

O tema é bastante polêmico. Mesmo considerando que a avaliação faz parte do processo de escolarização, há um profundo descontentamento e uma intensa crítica em relação, principalmente, aos procedimentos avaliativos. Justifica-se, assim, a continuidade da discussão, pois existem evidências que, na escola, o ato de avaliar perdeu sua essência, deixou de ser um ato subsidiário na construção de resultados positivos e um meio para facilitar o crescimento do aluno, em suas múltiplas dimensões.

Para que a avaliação deixe de ser um mecanismo de exclusão é preciso ressignificá-la como parte de uma prática pedagógica mediadora e emancipatória, sem se desconectar do processo mais amplo do trabalho docente. É necessária a criação de uma nova cultura sobre avaliação que rompa com os limites da técnica, assumindo em mais intensamente a dimensão ética.

A proposição do presente trabalho nasceu da experiência com a disciplina Avaliação Educacional, no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Seu propósito foi o de ampliar a discussão sobre o tema, uma vez que os alunos recorriam, muitas vezes, as suas memórias para exemplificar determinadas situações. Ficou então acordado que registrariam, por escrito, suas experiências avaliativas no Ensino Fundamental, Médio e Superior. O trabalho foi realizado em três turmas, entre 2006 e 2007, contando com a participação de 143 alunos.

De posse deste material riquíssimo, surgiu a idéia de analisá-lo, mais intensa e aprofundadamente, o que resultou no Projeto de Pesquisa, ora em curso, "Memórias de alunos e reflexões de professores: ressignificando a avaliação da aprendizagem". É neste espaço que se circunscreve este estudo, direcionando o olhar para as memórias sobre o processo avaliativo no Ensino Superior, um olhar intencional que pretende especular, examinar, analisar e investigar. Foram selecionados, aleatoriamente, 75 memoriais para proceder a análise sob a ótica proposta por Bardin (1977) e Franco (2005).

MEMÓRIAS, REMINESCÊNCIAS, REVIVÊNCIAS

A perspectiva de trabalho com memórias na análise dos problemas e fatos sociais vem ganhando força em pesquisas acadêmicas, talvez pela riqueza de informações não só sobre o passado propriamente dito, mas porque estas permitem que se situem os problemas atuais mais adequadamente. Pouco se conhece sobre o passado do processo de escolarização da população, principalmente sob o prisma da análise. Geralmente, os estudos preocupados com a educação escolar no passado direcionam-se para aspectos relacionados ao sistema educacional e a sua expansão.

As "vozes" que atuam na recuperação da memória revelam a interferência de muitos outros fatores no momento do relato. O primeiro deles, refere-se à seletividade da memória, que envolve não apenas lembranças, mas também silêncios e esquecimentos.

O narrado é praticamente uma reconceitualização do passado a partir do momento presente. As pessoas não têm em suas memórias uma visão fixa, estática e cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de se construir uma versão de passado e transferi-la de acordo com as necessidades do presente, quando as lembranças deixam de serem memórias para se tornarem histórias. Não se trata de um simples relato de lembranças (PUJADAS, 1992). O retorno ao passado pode esclarecer os significados, crenças, conceitos e preconceitos sobre o processo avaliativo, do qual fizeram parte como sujeitos. Mesmo anônimos, os alunos do Curso de Pedagogia da UFPA. São autores que deixam aqui sua valiosa contribuição para a análise e compreensão de uma cultura avaliativa, até hoje muito questionada.

O PROCESSO AVALIATIVO PELAS VOZES DOS ALUNOS

Nenhuma discussão curricular pode negligenciar o fato de que aquilo que se propõe e que se desenvolve nas salas de aula dará origem a um processo de avaliação, como parte integrante do currículo, na medida em que a ele se incorpora como uma das etapas do trabalho docente. Como declara Esteban (2001) "*Talvez a avaliação seja "um mal necessário"*".

Na produção teórica sobre o tema encontro em Afonso (2001), Dalben (1994), Esteban (2001;2003), Hoffman (1991;1993;1998), Luckesi (1997), Perrenoud (1986;1993;1999), Hadji (1994), Vasconcelos (1998), Romão (2001), dentre outros, a indicação de equívocos pedagógicos no processo avaliativo: avaliação e seu papel como instrumento de poder/saber, julgamentos de êxitos e fracassos a partir de critérios nebulosos, seleção/exclusão/classificação (exames, notas, aprovação/reprovação).

Nesta perspectiva, a avaliação, nega a diversidade, silencia os sujeitos, suas vivências culturais, suas realidades e experiências, apoiando-se em propostas que fragmentam o processo de ensinar e aprender. A avaliação que impede a livre expressão dos sujeitos envolvidos, torna-se uma prática de exclusão, na medida em que elege o que pode ou não ser dito, constituindo-se num elemento de controle e limitação.

Ao fazer a incursão analítica pelos memoriais, centrei o olhar sobre avaliação em três dimensões ou categorias: princípios fundantes; concepções; modalidades; e práticas.

Princípios Fundantes

Toda a gestualidade avaliativa tem, de forma mais ou menos explícita, um conjunto de valores que são traços fundamentais da cultura inerente à própria avaliação. Para a construção desse sistema de valores ela se organiza em torno de alguns princípios de orientação, aqui trabalhados na perspectiva *autoritária, burocrática e democrática*.

Característica de um procedimento *autoritário*, avaliação é colocada na maioria dos memoriais como um dos principais elementos motivadores da aprendizagem, muitas vezes, adotando-se a ameaça.

> Tínhamos um professor que em sua primeira avaliação impôs a turma que fizesse a leitura de 22 textos que ele havia passado em 2 meses. Porém, ele disse isso à turma uma semana antes da prova. Ficamos desesperados, pois não tínhamos dinheiro para comprar as apostilhas, nem tempo para fazer a leitura. Reunimo-nos e decidimos falar com ele para pedir mais tempo antes da prova. Foi totalmente autoritário e inflexível, não levando em conta a realidade e nossas possibilidades. Usou a avaliação como forma de punir, ligando apenas para o conteúdo e não para o que o aluno iria realmente conseguir aprender. (memorial)

A narrativa revela que a motivação para aprender baseia-se no medo que a avaliação provoca. O papel disciplinador da avaliação é evidenciado pelo uso do poder do professor, por vezes, hostilizando os alunos, classificando-os e enquadrando-os dentro das "normas estabelecidas *a priori*", num processo arbitrário de tomada de decisão. O medo gerador de submissão forçada é instalado como uma forma de controle. Ameaças constituem-se em pressões psicológicas, deixando marcas pela vida afora.

> No início, senti grandes dificuldades, pois de certa forma acabei me acostumando com o sistema de provas e também com os aterrorizantes seminários, que a meu ver tinham a função apenas de "amedrontar" os alunos, sem deixar de descartar a questão do "falar', expor as idéias perante a classe inteira, fato que até hoje tenho um pouco de dificuldade. Essa é conseqüência de um processo avaliativo autoritário que reprime o aluno, havendo descaso com a sua formação, onde o professor está apenas preocupado em alcançar seus objetivos. (memorial)

Neste caso, a avaliação como "juízo de valor" descaracteriza-se como tal, afastando-se da sua constituição ontológica, assumindo um papel muito mais de domesticadora e repressora. O relato revela a precariedade da prática avaliativa, acentuadamente autoritária, distante de uma dinâmica de ensino/comprometida com a inclusão, com a pluralidade e com o respeito ás diferenças individuais.

> Um dos professores utilizava um mecanismo muito excludente no momento de entregar as atividades. Ele começava entregando por ordem crescente, ou seja os alunos que tinham médias mais altas ficavam por último. Isso era super constrangedor, pois a turma logo separava alunos excelentes dos alunos insuficientes. (memorial)

A tessitura do cotidiano escolar, aqui declarada, vem corroborar com a convicção de que a função classificatória em nada auxilia o avanço nos processos de ensinar e aprender. Em vez de instrumento dialético, a avaliação transforma-se em instrumento disciplinador, um mecanismo de controle, mediador da reprodução e manutenção da sociedade, numa clara demonstração do domínio das pedagogias domesticadoras.

No entanto, embora não seja ainda uma prática corrente, podemos vislumbrar novas possibilidades que ultrapassam o autoritarismo e a burocracia. Romper com o fortemente instalado no cotidiano de nossas escolas e transformar a avaliação num instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento exige um compromisso com uma pedagogia que não esteja mais voltada para o modelo liberal conservador.

> Pude perceber que existe a possibilidade de mudança na avaliação, e que os alunos podem ter a possibilidade de dar a sua opinião, de falarem o que pensam sem ter medo de serem reprimidos ou cerceados pelo professor. (memorial)

> As avaliações ocorrem também pela participação nas aulas dando opiniões, interagindo com os professores [...] os processos avaliativos contemplam de forma mais abrangente o conhecimento adquirido. (memorial)

Os diferentes contornos do cotidiano escolar, o que é ocultado e revelado, as palavras ditas e silenciadas, vão indicando a falência de processos de exclusão e negação, apontando para novas vias de rompimento com procedimentos não desejáveis. O momento avaliativo é então considerado, nesta perspectiva, como um "*momento de pausa, de reflexão*", para se retomar o processo com novas diretrizes. É um ponto de partida e nunca de chegada final. Como declara Luckesi (1997, p. 35) "*constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência etc.*" O professor deve encaminhar, mostrar possibilidades/caminhos para que o aluno, com autonomia, alcance seu desenvolvimento.

> Mas o que mais me admira é a forma com que alguns professores tratam a avaliação discutindo cada passo com seus alunos uma forma de avaliação democrática.

> Isso é muito bom para a autonomia dos alunos. (memorial)

> É grande esforço por parte de alguns professores em construir uma educação para a formação de profissionais e cidadãos de fato democráticos. (memorial)

Estes relatos sinalizam a ruptura com o discurso autoritário e classificatório, ainda muito presente nas situações cotidianas, e anunciam possibilidades de transformação mais inclusivas. Ao estabelecer o diálogo com os alunos, o professor assume a avaliação como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista, tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem.

Concepções de Avaliação

Não raro, as concepções avaliativas que os professores desenvolvem são resquícios das avaliações vivenciadas que, por sua vez, influenciam na sua concepção de avaliação, bem como na sua prática em sala de aula.

> Há docentes que ainda persistem em suas avaliações trabalhando com o método tradicional, como se estivessem no seu tempo de escola, num processo de ensino passivo, repetitivo e até mesmo alienante. Um exemplo disso é o uso de pontos extras quando algum aluno se manifesta nas aulas. (memorial)

Os professores aceitam e reforçam o velho e abusivo uso de notas, sem percebê-lo, como um mecanismo privilegiado de competição e seleção. Ingenuamente ou arbitrariamente, obstaculizam o projeto de vida dos alunos com base em décimos e centésimos, preocupam-se sobremaneira, em atribuir notas, enquanto relegam ao último plano os sérios problemas de aprendizagem.

Na concepção de Hoffmann (2000), os mitos e suas representações contribuem para o surgimento de uma dicotomia – a relação teoria e prática. Os educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distantes e não relacionados.

> Uma das coisas que a maioria dos alunos observa no curso é que muitos professores chegam com um discurso muito bonito a respeito das metodologias e de formas de avaliativas inovadoras. No entanto, no momento de avaliar realmente o aluno continuam utilizando mecanismos tradicionais. (memorial)

A contradição entre o discurso e a prática de alguns professores e a ação classificatória e autoritária, encontra explicação na concepção de avaliação do educador, talvez reflexo de sua história de vida como aluno e professor.

O educador tem sua história e essa história reflete-se fortemente em sua trajetória. Torna-se necessário, neste caso, oportunizar-lhe uma tomada de consciência sobre a contradição existente entre ação de educar e a concepção de avaliação como resultado e como julgamento.

O processo de avaliação necessita de uma pedagogia construtiva, dinâmica – como a defendida por Paulo Freire (1996), cuja concepção não vê o ser humano pronto, mas em profundo estágio de construção da aprendizagem. Cada aluno torna-se autônomo e independente, porém precisa de auxílio. O aluno tem essa consciência como demonstra o relato a seguir:

> Corrigir por corrigir não promove a real construção dos conhecimentos por parte dos alunos. Dessa forma, investigar o que é avaliar realmente e comprometer-se com a qualidade do ensino/aprendizagem garante a tão sonhada mudança na educação, mudança qualitativa, desmistificadora e desafiadora. (memorial)

Tal avaliação encontra-se situada em uma vertente político-pedagógica cujo interesse principal é emancipador, ou seja, libertador, visando provocar a crítica de modo a libertar o sujeito de condicionamentos deterministas. Nesse sentido, lembro Saul (1988) quando declara que os alunos, enquanto sujeitos, devem passar por um processo de conscientização, onde possam desenvolver sua autonomia e criatividade, além de gerir suas próprias ações.

> De um modo geral as experiências avaliativas que estou tendo na academia são de cunho emancipatório, ou seja, de caráter libertador, que desvincula o formando da prática de avaliação que vivenciou na sua trajetória escolar anterior. (memorial)

Observa-se que há interesse tanto do aluno como do professor em buscar novos caminhos para o ensino-aprendizagem, respeitando seus limites e proporcionando desafios para serem superados.

> Fui apresentada à avaliação emancipatória em que eu tinha a possibilidade de dar minha opinião, de acrescentar minhas idéias, de falar com quais critérios seria avaliada, ou seja, uma novidade para a minha concepção de avaliação. (memorial)

O compromisso principal da função emancipatória é de fazer com que as pessoas, direta ou indiretamente envolvidas em uma ação educacional, escrevam a sua própria história, tendo como base a emancipação, decisão, transformação e crítica no processo educativo.

Modalidades Avaliativas

O processo avaliativo deve ser encarado como um meio de se obter informações, tanto para o professor conhecer os resultados de sua ação pedagógica, como também para o aluno verificar seu desempenho. No entender de Luckesi (1997) a avaliação deve ser *diagnóstica,* vista como instrumento dialético de avanço e identificadora de rumos novos. Assim sendo, passa a contribuir com a função básica da escola, que é promover o

acesso ao conhecimento e, para o professor, transforma-se num recurso precioso, não encarada unicamente como medida, classificação - ranço do positivismo.

Analisando os memoriais, não foi possível detectar, com freqüência, a manifestação dos alunos quanto a esta modalidade de avaliação. São raras as evidências, o que leva a deduzir que não é uma prática comum no cotidiano da sala de aula.

> A avaliação diagnóstica foi feita por uma professora que marcaria pelo seu caráter e compromisso um bom momento vivido por mim dentro da academia. Recebemos um breve retorno da professora que expôs no geral a maioria dos equívocos cometidos por nós. (memorial)

A *avaliação formativa* vem obtendo destaque crescente no âmbito escolar. Na perspectiva de Perrenoud (1999, p.68):

> A avaliação mais formativa não toma menos tempo, mas dá informações, identifica e explica os erros, sugere interpretações quanto às estratégias e atitudes dos alunos e, portanto, alimenta diretamente a ação pedagógica, ao passo que o tempo e a energia gastos na avaliação tradicional desviam a invenção didática e da inovação.

Os alunos têm condições de perceber suas dificuldades, analisá-las e operacionalizá-la para que possam progredir. Nesta lógica, a avaliação preconiza a trajetória do aluno. Os resultados servem para favorecer novas aprendizagens e não para classificar, selecionar ou excluir. Cumpre o papel de propiciar *feedback* aos alunos e aos professores sobre os resultados das ações que estão sendo desenvolvidas, apontando as limitações e entraves do processo ensino-aprendizagem, visando a correção das possíveis distorções. Estes mecanismos permitem que o professor detecte e

identifique deficiências também no ato de ensina,r possibilitando alterações na sua didática, buscando aperfeiçoá-la.

> Depois, seguiram-se experiências avaliativas que instigavam a criticidade, a interpretação, análise de situações, problemas e contexto, provocando uma transformação na minha experiência de avaliação.(memorial)

Alunos que constroem ativamente sua compreensão sobre novos conceitos (e não meramente absorvem informações), desenvolvem estratégias que os capacitam a situar novas idéias em contexto mais amplo, têm a oportunidade de julgar a qualidade do seu próprio trabalho e do trabalho dos colegas, a partir de objetivos de aprendizagem bem definidos e critérios adequados de avaliação e estão, ao mesmo tempo, construindo capacidades que facilitarão sua aprendizagem ao longo da vida.

Quanto à modalidade de *avaliação somativa* tem a intenção de "certificar" e constatar se a aprendizagem planejada aconteceu ou não. Como próprio nome indica, tem como o objetivo representar um sumário, uma apresentação concentrada de resultados obtidos numa situação educativa. Nos memoriais, predominam relatos reveladores da insistência de procedimentos nesta direção.

> As avaliações são mais variadas, são provas dissertativas, trabalhos de pesquisa e apresentação em grupo, preparação de materiais didáticos, fichamentos e artigos. No entanto, algumas vezes essas avaliações são camufladas pelo conceito de serem formativas, quando são realizadas somente ao final de períodos. (memorial)

> A avaliação geralmente se dá através de três trabalhos em cada disciplina no decorrer do semestre, onde a cada trabalho atribui-se um conceito e ao final do semestre comparam-se os conceitos que estiverem repetidos. É complicado, não consigo entender como o

> desenvolvimento pode ser avaliado a partir de uma espécie de soma de conceitos? (memorial)

Estas situações cotidianas aqui reveladas, mostram claramente que é necessário se repensar a avaliação. Não creio, neste caso, ser mais possível virar as costas para a intensidade das narrativas dos alunos. É preciso dar-se visibilidade à ambigüidade existente. É preciso que se reconheça a existência de equívocos para que se possam buscar meios de superação.

Práticas Avaliativas

Encontramos testemunhos que refletem os avanços conceituais sobre avaliação e que se refletem nas práticas avaliativas:

> [...] os processos avaliativos contemplam de forma mais abrangente o conhecimento adquirido. (memorial)

> [...] as avaliações ocorrem também pela participação nas aulas dando opiniões, interagindo com os professores. (memorial)

Outro aspecto a destacar refere-se à questão do "erro", como concebê-lo, como lidar com ele.

> [...] os instrumentos de avaliação são diversificados, são exigidas habilidades intelectuais e não a memorização. Nunca deixam passar suas palavras e objetivos de aula, desenvolvendo responsabilidades. Quando há erros, são os primeiros a nos trazer para o acerto, como todo amigo faz. (memorial)

Neste caso, o erro passa a ser considerado como um momento especial na construção do conhecimento, constituindo-se em forte indicador de como o aluno está organizando o seu pensamento, que *nexus* estabelece entre os diferentes saberes, suas possibilidades de compreensão e suas

dificuldades. Ao invés do desestímulo, cedem lugar para novas buscas, novos desafios.

Também encontramos registros que indicam a necessidade de se repensar e reformular práticas, ainda marcadas por procedimentos injustificados.

> Existem professores que passavam só um trabalhinho, só pra ter um subsídio para avaliar e no final quase que 100% da turma ficaram com excelente [...] tinha uma professora que passava prova, toda semana. (memorial)

Dentre as práticas avaliativas mais freqüentes nos memoriais estão : o trabalho em grupo, a discussão, a leitura, os relatórios analíticos, a pesquisa, os seminários, as provas e a elaboração de textos (resenhas, artigo, resumo e fichamento).

Estes últimos são notados com mais freqüência, embora os alunos revelem que esta prática não era comum nos níveis anteriores de ensino, enfrentando, desta forma, dificuldade em realizá-la, como está declarado a seguir: "*Custei muito a aprender que a resenha não era um bicho de sete - cabeças e sim uma ótima forma de aprender*".

O seminário - segunda indicação, para muitos é uma "*surpresa*" e uma "*tensão*" em substituição às provas do ensino médio e fundamental, denominando-os como "*famigerados seminários*" ou "*gama infinita de seminários*". Quanto à prova - destacada nos memoriais é aceita por uns e rejeitada por outros.

> Realizamos algumas provas, em sua maioria discursivas, o que me possibilitou analisar criticamente o conteúdo estudado. (memorial)

> Há professores que ainda passam provas, pois acreditam que este é ainda um valioso instrumento de avaliação que realmente testa a capacidade individual do aluno. (memorial)

A pesquisa, geralmente como levantamento de informações de campo, tem boa aceitação, como está registrado a seguir: *" A pesquisa é algo que realmente me apaixona no universo acadêmico".* Trabalhos em grupo é também uma prática freqüente no Curso de Pedagogia.

> Aprendi a importância do trabalho em grupo. O respeito mútuo e o consenso nas decisões das atividades são os elementos mais importantes da bagagem positiva que vou carregar no decorrer do processo contínuo de aprendizagem de vida. (memorial)

Considerando a análise dos memoriais destaca-se ainda como prática avaliativa a discussão acerca do conteúdo em sala de aula.

> [...] o mais comum é a realização de trabalhos escritos, que requer conhecimento prático e teórico acerca de um determinado assunto, seminários, relatórios principalmente das disciplinas de práticas recursos de painéis integrados, portfólios, momentos de debates e discussão a respeito de um determinado texto.

Em síntese, pode-se perceber que os professores tentam trabalhar com novas possibilidades, buscando novos percursos ou dando novas roupagens a antigas práticas, num desafio constante, correndo riscos, enfrentando o desconhecido, acertando, errando, repensando o processo avaliativo, (re) construindo continuadamente a sua profissão como decentes.

REFLEXÕES FINAIS

Ao término deste trabalho não apresentarei conclusões fechadas, verdades sacramentadas, mas pistas que poderão desencadear novas reflexões. A partir da análise de cada memorial, foi possível reter algumas linhas de força sobre os modos singulares como cada um dos narradores

construiu a sua história escolar e a compreende em interação com seus espaços de vida.

No discurso dos alunos considerei a presença de interações todas as vezes que havia conexões lógicas entre elementos da vida escolar, social e familiar. No entanto, pode-se perceber que nem sempre nos discursos essas interações aparecem explicitadas, ou porque se situam a um nível não consciente ou não suficientemente refletido. Um mesmo tipo de interação pode ser experienciado de modo diferente por cada pessoa.

As interações não têm a mesma importância relativa, quer pela sua natureza quer pelo nível de impacto que tiveram sobre o sujeito e seu meio. Há interações que atingem dimensões profundas da pessoa, outras são mais circunstanciais. Umas são mais sincrônicas ou pontuais, outras mais diacrônicas ou contínuas. Encontram-se interações de caráter factual, outras só se descobrem através da narração dos alunos.

O que foi possível captar é seguramente uma parte dos movimentos profundos que só se revelam parcialmente. Nestas conclusões não são feitas generalizações, mas como este estudo foi feito com pessoas com o mesmo nível de escolaridade, alguns aspectos que lhes são comuns manifestaram-se muito naturalmente.

Sem desconsiderar a potencialidade de transformação que o debate sobre a avaliação traz para o cotidiano escolar, no momento em que estamos, ainda há muito que fazer. Como modelo de transição, anuncia novas possibilidades que conectam a avaliação ao processo de democratização, como parte da dinâmica da emancipação social. Assim, o processo avaliativo traz desafios que podemos enfrentar vinculando esta discussão ao movimento real de ressignificação curricular, aí incluído o trabalho docente.

Colocam-se como possibilidades de ruptura com este mundo de tensões a construção de uma prática avaliativa que seja capaz de dialogar com a complexidade das situações do cotidiano, com a multiplicidade do mundo dos conhecimentos, com as individualidades dos sujeitos. . Este será o compromisso de professores e alunos envolvidos com a construção de uma escola democrática. Poderá ser a saída para se ultrapassar fronteiras que limitam, que isolam, buscando-se brechas que permitam o trânsito para

territórios onde se possam exercer práticas mais solidárias e menos excludentes na construção do conhecimento.

Em meio a esse movimento dinâmico de lembranças, de palavras escritas, de pesares, de esperanças e de muitas, mas muitas incertezas, concluo recordando "*a voz de um aluno*" que confere uma forma poética a sua narrativa. É um texto altamente personalizado e revelador, no qual usa recordações dramáticas, fortes metáforas, imagens e alusões. Constrói uma seqüência, um enredo, uma interpretação, revivendo emocionalmente o que não quer e o que deseja.

LEMBRANÇAS DE AVALIAÇÃO

Avaliação. Dia de avaliação, que medo! Mas já decorei tudo…

Então, por que medo? Mas posso esquecer tudo!

Tenho todos os pontos dos trabalhos. O questionário está gravado.

Mas estou com medo…Tenho que prestar contas do meu conhecimento

Obediência mecanicista a TYLER! Avaliação. Dia de avaliação.

Avalia a ação. Mas que ação? Se estou na inércia escrevendo…

Então deveria se chamar avalinerte!

Avaliação estática, classificatória, sentenciva… é SAUL.

Avaliação da ação vale nada. Nada é zero. Zero é vermelho.

Vermelho é zero. Então qualquer vermelho é zero. Nada, você tirou zero!

Agora nada nas águas que escorrem dos olhos de um nada.

E a ação da avaliação? Avaliação é movimento, ação, reflexão,

Ato político, processo de construção. Inquietação, investigação,

Descentração, dinamização das oportunidades de ação-reflexão.

Me ajuda HOFFMANN! Dia de avaliação é prova! Mas me preparei…

Fiz até o simulado E nunca fui reprovado!

Então, tenho chance no vestibular.

Mas que decepção, não fui aprovado…

O que está acontecendo, que fenômeno é esse?

Mas eu não vou fazer prova?

Avaliar o processo, informação para tomar decisão?

Nós vamos avaliar a nossa avaliação. Obrigada STUFFLEBEAN!

Ação para reflexão e retomada da prática. É a recomendação de DINIZ.

Mas nunca agi, como vou mudar e emancipar? Processo doloroso

Mas as apresentações escritas e as apresentações das mesmas.

Aos poucos, vão me ajudar a ficar confiante.

Principalmente quando (re) faço um trabalho. E o professor (re) corrige,

Avaliação recomendada por LUCKESI!

Avaliação está deixando de ser um fim em si.

Então, estou ouvindo PERRENOUD! Mas ainda são poucos professores.

Avaliação depende do professor, alerta VASCONCELOS.

A ação vale! Ação avaliada, professor.

Avalia a ação, aluno.

Reflexão da ação, reciprocamente.

Avaliação.

(memorial, em sua íntegra)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. Escola pública, comunidade e avaliação: resgatando a avaliação formativa como instrumento de emancipação. ESTEBAN, Ma. T. (org.) **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de janeiro: DP&A Editora, p. 83-100, 2001.

BARDIN, Lawrense. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.

DALBEN, Ângela I. L. de Freitas. **Trabalho escolar e conselho de classe**. Campinas: Papirus, 1994.

ESTEBAN, Maria Tereza. Avaliação no cotidiano escolar. In: ESTEBAN, Ma. T. (org.) **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de janeiro: DP&A Editora, p. 7-28, 2001.

_____. Ser professora: avaliar e ser avaliada. In: ESTEBAN, Ma. T. (org.) **Escola , currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, p. 13-37, 2003.

FRANCO, Maria Laura. P. Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia***:* saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HADJI, Charles. **Avaliação, regras do jogo**: das intenções aos instrumentos. Porto: Porto Editora, 1994.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mito e Desafio**: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e realidade, 1991.

_____*.* **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

_____. **Pontos e contrapontos**: do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar***:* estudos e proposições**.** São Paulo: Cortez, 1997.

PERRENOUD, Philipe e outros. **Avaliação formativa num ensino diferenciado**. Coimbra: Almedina, 1986.

_____. Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistêmica da mudança pedagógica. In: ESTRELA, Albano e NÓVOA, Antonio (orgs.) **Avaliações em educação**: novas perspectivas. Porto: Porto Editora, p.171-191, 1993**.**

_____. **Avaliação**: da excelência á regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PUJADAS, J. J. **El método biográfico**: el uso de las historias de vida en ciencias sociales. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1992.

ROMÃO, José Estáquio. **Avaliação dialógica***:* desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória***:* desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo**.** São Paulo: Cortez, 1988.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem***:* práticas de mudança. São Paulo: Libertad, 1998.